

Japão teme que o exemplo seja seguido

TÓQUIO — Os banqueiros japoneses temem que o exemplo do Brasil, que suspendeu o pagamento dos juros da dívida externa no mês passado, seja seguido por outros países devedores do Terceiro Mundo. Um banqueiro observou que os bancos japoneses empréstaram grandes quantidades de dinheiro ao Brasil e a outros países em desenvolvimento, pensando que "um Estado nunca quebra". E admitiu: "Achávamos um negócio muito proveitoso emprestar dinheiro a altas taxas de juros a devedores que implicam risco. Agora, descobrimos que um caso como o do Brasil pode ocorrer com outros países devedores".

Fontes bancárias em Tóquio apontam a Argentina, que deve cerca de US\$ 5 milhões a bancos privados japoneses; a Venezuela, com US\$ 4 bilhões e Filipinas, com US\$ 2,7 bilhões, como nações de risco. Um consórcio de bancos comerciais japoneses possui US\$ 10,7 bilhões do total de US\$ 68,0 bilhões em créditos a médio e longo prazo que o Brasil obteve de bancos privados estrangeiros. "Depende da política de cada um dos bancos", disse um banqueiro ao ser indagado qual seria a resposta dos bancos se o Brasil pedisse novos créditos. Observeu ainda tratar-se de "um assunto sumamente delicado".

Representantes dos bancos japoneses credores de países em desenvolvimento estão em Nova York discutindo medidas conjuntas em relação ao Brasil com representantes norte-americanos e de bancos de outros países. Um funcionário da Federação de Bancos do Japão considerou "lamentável que o Brasil tenha suspenso o pagamento dos juros. De agora em diante, observaremos a evolução de perto", disse.

Mais de 12 bancos credores japoneses estão estudando a possibilidade de formar uma companhia para comprar as dívidas congeladas de bancos japoneses credores, como medida de emergência. Fala-se em sediar essa companhia nas ilhas Cayman, "paraíso tributário", no Caribe. O anúncio formal de sua fundação pode ser feito no final deste mês.

ARGENTINA

Em Nova York, o diretor do Banco Central da Argentina, Daniel Marx, admitiu ontem que há "dificuldades" com os bancos credores para a obtenção de um crédito de US\$ 2,15 bilhões em condições mais favoráveis. Disse que ainda não existe "uma posição unânime" dos 350 bancos credores, e que "isso atrasa as respostas e a negociação". O go-

verno argentino reivindica taxas de juro mais favoráveis em troca dos ajustes que vem fazendo na economia do país. Em janeiro último, o FMI concedeu-lhe um crédito de US\$ 1,35 bilhão, além de US\$ 480 milhões por causa da queda das exportações.

VENEZUELA

A Venezuela honrará, "sem maiores dificuldades", o pagamento de sua dívida externa pública desde que o preço do petróleo não sofra grandes quedas e permaneça no nível estimado até 1989, entre 15 e 18 dólares o barril, afirmou em Caracas o diretor de Finanças Públicas do Ministério da Fazenda, Jorge Marcano. Na semana passada, a Venezuela assinou acordo com os bancos credores para o pagamento de US\$ 21,20 bilhões de sua dívida externa pública. Em Santiago, o embaixador venezuelano no Chile, Hector Vargas Acosta, disse que seu país não é partidário de uma posição extrema frente ao problema da dívida externa.

COLÔMBIA

O ministro das Finanças da Colômbia, Cesar Gaviria Trujillo, disse que a dívida externa do país, de US\$ 41,50 bilhões, não será renegociada este ano e que o governo garantiu aos bancos credores que cumprirão seus compromissos. Acrescentou que o país possui recursos suficientes para pagar nos próximos meses os juros de US\$ 2,20 bilhões da dívida. O Partido Conservador, na oposição, pediu ao governo para renegociar o pagamento da dívida após o fracasso em Londres entre produtores e consumidores na fixação de cotas de café, principal produto de exportação do país.

MÉXICO

Fontes bancárias informaram em Nova York que mais de 330 dos 400 bancos que emprestarão US\$ 7,70 bilhões ao México já comunicaram sua aprovação e adesão ao plano, restando em geral pequenas e médias instituições que representam apenas 3% do total da operação. Toda a documentação está pronta e na próxima semana será submetida aos bancos.

PERU

No ano passado, o Peru pagou US\$ 490 milhões de sua dívida externa: US\$ 228 milhões de juros e US\$ 262 milhões de amortização do principal, segundo a revista especializada Peru Econômico. Em 1985, pagou US\$ 599 milhões.